

1

Introdução

Quem é a pessoa que escreve estas palavras? Quem é a pessoa que lê estas palavras? Quem são as pessoas que vivem em sociedade atualmente? Qual é a importância de saber quem somos? O que nos faz ser o que somos? As respostas podem ser tão extensas quanto as perguntas feitas, bem como podem e devem advir de diversos campos do saber científico, cada qual ao seu modo e de um ponto de vista singular. Além disso, a amplitude das perguntas requer percorrer uma enormidade de caminhos, dos quais, ainda que sejam importantes, não são contemplados pelo propósito norteador que será delineado. Cabe, então, dar início ao processo de delimitação e de definição dos contornos da dissertação, de forma que fique claro o sentido que se pretende trilhar.

Através da Geografia, é possível responder, ao menos em parte, às questões postas inicialmente. Embora não abarque todas as respostas, ilumina a compreensão acerca de quem somos na medida em que permite clarificar o contexto no qual nos realizamos enquanto sujeitos de uma determinada sociedade: o espaço geográfico.

Tendo em vista o pressuposto aludido, algumas questões iniciais são enunciadas a fim de elucidar a análise: de qual espaço estamos conversando? Especificamente, a partir de qual perspectiva conceitual e social o espaço pode ser analisado como um componente fundamental na interação entre o sujeito e a sociedade? Se é um componente fundamental, como se concretiza e participa dessa interação? Se considerarmos que o espaço é o lugar da reprodução das relações sociais, então de que modo tal processo atualmente se configura sob a hegemonia das amarras do sistema capitalista? Como e por que um componente tão fundamental como o espaço pode ser dominado e reapropriado segundo a uma ordem social totalitária (abstrata-concreta) altamente destrutiva (e auto-destrutiva) e alienante (alienada), inclusive pondo em risco as próprias condições objetivas e subjetivas de concretização do sujeito? Como através das (inter) ações do sujeito, o espaço pode *vir a ser* um meio pelo qual se questione, se conteste e se contraponha a tal dominância? E complementarmente, como através desse espaço alienado/alienante, o sujeito pode vislumbrar o mesmo espaço sob outros princípios teóricos e práticos?

Portanto, o questionamento sobre o espaço no qual vivemos nos induz a reflexões sobre a sociedade que produzimos, o que inclui os meios e a intensidade das formas vigentes de dominação, cujo sistema capitalista se sobressai hegemonicamente no período histórico atual. Tal premissa se faz coerente pelo fato de que o espaço, sendo uma dimensão da sociedade, é um produto (social) que ao mesmo tempo é capaz de condicionar a própria sociedade que o criou através das práticas sociais. É assim que, como produto, condição e meio, o espaço se torna um elemento fundamental para realização de toda a vida, cuja abrangência atravessa a concretização do sujeito em sociedade mediante as próprias (inter) ações físicas, mentais e sociais vivenciadas no cotidiano. Por isso, pensar o espaço significa simultaneamente pensar a sociedade e o sujeito no intuito de repensar suas existências de forma relacional e crítica.

O espaço geográfico hodierno assume contornos cada vez mais complexos, especificamente urbano e sob os ditames das relações capitalistas. Após a “revolução urbana” ocorrida de forma incisiva durante o século XX, podemos considerar que a sociedade, como um todo, é urbana, sendo a cidade o lócus material e imaterial desse processo mundial onde encontramos a reunião, em suas diversas manifestações, das contradições do/no espaço. Em outras palavras mais elucidadoras, o espaço da cidade é transformado continuamente ao ser dominado e explorado pelos ditames capitalistas, o que, por sua vez, redefine as “formas” da sociedade no que tange as formas de sua compreensão, as formas de suas problemáticas (urbanas por excelência) e as formas de suas possibilidades críticas e alternativas. Assim, ao se pensar a cidade contemporânea em suas problemáticas e possibilidades, inexoravelmente e simultaneamente, estamos refletindo sobre o (espaço) urbano em seu sentido mais amplo desenvolvido pelo filósofo Henri Lefebvre. Exatamente nesse sentido, a indissociabilidade entre o urbano e a cidade somente se aproxima da complexa realidade em que vivemos, na medida em que incluímos à análise o papel do sujeito e do espaço na efetivação das relações capitalistas na sociedade.

É nesses moldes que a sociedade urbana na qual vivemos atualmente apresenta diversas e intensas problemáticas sociais que se desenrolam de forma mais incisiva na cidade. A razão da existência, e em alguns casos, da intensificação, de muitas problemáticas sociais que atravessam a sociedade urbana e que se expressam nos interstícios do cotidiano citadino está diretamente

relacionada à dominância do capitalismo. Tal dominância se deve a permanente reprodução ao longo da história do poder do capital, fundamentalmente através das próprias relações sociais entre sujeitos, grupos e classes sociais na medida em que as recria sob a racionalidade de sua ordem totalitária. Assim, no mundo globalizado toda a vivência em sociedade foi/é transformada, abrangendo suas múltiplas dimensões, inclusive, a espacial. Nesse sentido, o capitalismo tende também a se reproduzir por meio do espaço, ao desigualiza-lo à medida que se espacializa, mesmo que isso resulte e/ou corrobore em processos alienantes e destrutivos (e muitas vezes autodestrutivos) das condições objetivas e subjetivas de sujeitos e grupos sociais em diferentes lugares por todo o planeta.

Atualmente, é impossível olvidar o papel decisivo e abrangente do capitalismo em nossas vidas, envolvendo todo tipo de efeitos nefastos em razão de sua dinâmica mercantilista, privatista, reducionista, individualista, tecnicista, homogeneizante etc. difundida ubiquamente por todo o espaço-tempo social, embora se manifeste particularmente de acordo com cada local e se reproduza desigualmente dependendo de cada lugar.

Outra constatação notória perceptível no que tange à dinâmica dominante do capitalismo, refere-se a assunção generalizada de uma perspectiva da alienação, na qual tende impor à sociedade, via coação, coerção ou/e consentimento criado, o princípio abstrato-concreto da separação, reduzindo toda a sua complexidade inata à práticas e representações discursivas dicotômicas, distorcidas e fragmentárias, que, pela força de seu poder de “convencimento”, acaba por (re) orientar as (inter) ações sociais no cotidiano do espaço; e com isso determinando o próprio modo de viver o cotidiano citadino, o urbano, o espaço e o tempo. Assim, a amplitude e o aprofundamento de tal poder de simplificação (complexa) disjuntiva abarca e atravessa a produção das diversas dimensões da sociedade, bem como a concretização do sujeito objetivo e subjetivo que cria a sociedade. Especificamente aqui, debruçar-nos-emos em torno do poder do capital em relação a produção de um espaço fragmentado, homogeneizado, hierarquizado e segregado, – expressa, na cidade do Rio de Janeiro, principalmente em favelas e em condomínios auto-segregados incrustados tanto em bairros ricos quanto em bairros pobres – e suas implicações em relação a alienação física, mental e social do sujeito dividido na sociedade em classes e grupos sociais.

O turbilhão de perversidades contraditórias ao qual estamos todos inseridos no centro da tempestade de modo material e imaterial, influencia diretamente em nosso jeito de ser e de viver. Em razão desse contexto ubíquo e iníquo, torna-se seminal a necessidade de construir uma análise que venha a se contrapor e questionar tal ordem totalitária, o que implica em repensar o que e quem somos nessa sociedade mediada pelo espaço, cotidiano, pelas ações, representações.

A ênfase no sujeito enquanto uma categoria analítica vem ao encontro dessa proposta reflexiva e tem como fim conduzir esse repensar principalmente sobre aqueles alijados e dominados pelo poder personificado em empresas capitalistas, no Estado, em classes e grupos sociais; sobre aqueles incluídos precariamente às condições sociais e espaciais presentes; sobre aqueles que diariamente lutam para sobreviver e/ou lutam em organizações ou movimentos sociais para garantir a sua sobrevivência; em suma, sobre aqueles que constituem a grande maioria da população. Sem ter o compromisso de especificar este ou aquele grupo de sujeitos na prática no real, embora os levando em consideração na feitura da análise teórica, permite-nos no momento tecer ponderações gerais e existenciais acerca do sujeito imbricado ao espaço:

o sujeito e o espaço

o sujeito do espaço

o sujeito no espaço

o sujeito pelo espaço

A íntima relação intenta demonstrar, sobretudo, que o sujeito, mesmo vivendo intensamente e dilacerado por um poder totalitário em múltiplas dimensões e escalas espaciais, ainda sim é capaz de contestar, insurgir, protestar, reagir, provocar e sentir insatisfações e inquietações, no âmago da questão, de (re) existir, tal como propõe Gonçalves (2006). Cabendo ao espaço um papel decisivo nesse processo: ao ser o lugar onde os embates se desenrolam e se representam; ao ser, em muitos casos, o motivo imediato de muitos enfrentamentos de grupos e classes sociais; e, ao ser um produto (social) fruto dessa tensão permanente que ao mesmo tempo é um fator condicionante para as formas, as razões e as condições de (re) existências praticadas pelo sujeito.

Sendo assim, trabalhar a relação entre o sujeito e o espaço urbano no seio da sociedade capitalista, é a discussão que se busca empreender a respeito do

sujeito contemporâneo no espaço geográfico, exemplificado no cotidiano da cidade do Rio de Janeiro. Para tanto, objetiva-se *analisar a importância do espaço urbano na concretização do sujeito enquanto totalidade, em meio ao poder alienante/alienado do capital e, ao mesmo tempo, em meio a insurgências, questionamentos e (re) existências teóricas e práticas em face de tal poder hegemônico*. Deixando claro que o foco principal dessa relação permeia *as implicações do espaço urbano no processo de concretização do sujeito insurgente enquanto totalidade*. Pois, tendo em vista a premissa norteadora de que o espaço é simultaneamente resultante e condição da/ para a (inter) ação social do sujeito, logo é carregado de múltiplas intencionalidades, o que o torna um instrumento material e imaterial de alienação do sujeito, ao mesmo tempo em que se perfaz também, se assim for desvelado, enquanto uma via objetiva e subjetiva crucial de sobrevivência, de (re) existência e de proposição por parte do próprio sujeito.

Cabe ainda esclarecer que a concretização do sujeito não caminha por uma trajetória linear e fechada, a qual ao final o sujeito se tornaria uma totalidade. De modo inverso, desde as primeiras palavras escritas, consideramos o sujeito enquanto uma totalidade em contínuo processo de totalização em sociedade no espaço/ tempo. Dessa forma, tenta-se captar o sujeito total do/ no espaço concomitantemente como um produto e um processo, estando sujeito ao poder alienado/alienante da ordem totalitária capitalista assim como sendo capaz de questionar, contestar e mesmo propor ante o domínio de tal poder.

A importância de se analisar o sujeito em meio à determinações e indeterminações através do espaço urbano da cidade está no fato de que possibilita desvelar e repensar criticamente a sociedade contemporânea na qual vivemos, tal como suas problemáticas. O que explicita também o desafio de transforma-la, principalmente por vias que contemplem princípios verdadeiramente democráticos em prol da reprodução da vida, como o Direito à Cidade, cujos papéis do sujeito total insurgente e do espaço urbano são cruciais para a concretização de tal projeto.

Em última análise, se deve ressaltar que a dissertação se trata de um exercício, sobretudo, teórico, no qual se busca dialogar com ideias de alguns autores para que, através deles, possamos contribuir com outras ideias. A discussão teórica, porém, não é de forma alguma em si mesma, ou seja, sem nenhuma conexão com o real físico, mental e social. Todavia, o exercício além de

teórico é prático, pois as preocupações iniciais, as problemáticas decorrentes e as proposições alternativas são sobre a cidade do Rio de Janeiro, realidade minha e de milhões de pessoas. Uma realidade que é física/ material e mental/ simbólica/ imaterial, produto e produtor da sociedade. Em suma, a cidade do Rio de Janeiro nesta dissertação é o pano de fundo para a discussão teórica acerca do sujeito total no espaço urbano da cidade.

Quanto ao método de análise selecionado, algumas palavras de esclarecimento são necessárias, tendo em vista uma província particular do saber. Existe uma unidade profunda entre o espaço e o sujeito que, em nosso caso, são vislumbrados enquanto totalidades da realidade. Porém unidade não significa harmonia, pois se trata de uma unidade sob pés dialéticos cujos caminhos são conflitivamente trilhados em constante tensão, posto as contradições que integram e tendem a desintegrar a unidade. Assim, elucidamos o pressuposto teórico-metodológico que intenta trabalhar a relação teoria/ realidade de forma relacional, identificando e analisando as contradições e os conflitos concernentes ao real do ponto de vista do tema e do objeto escolhido. Segundo Lefebvre (2008), Marx foi o primeiro a utilizar o método de maneira coerente: ao estudar uma determinada realidade objetiva, analisa metodicamente, os aspectos e os elementos contraditórios desta realidade. “Após ter distinguido os aspectos e os elementos contraditórios, sem negligenciar as suas ligações, sem esquecer que se trata de uma realidade, Marx reencontra-a na sua unidade, isto é, o conjunto do seu movimento”.

Através desta passagem fica evidente o método de investigação, no qual o observador-pesquisador se depara com uma realidade, a desconstrói teoricamente em partes (não isoladas mas em relação mútua entre si e com o todo) para uma análise detida das contradições que se retroalimentam e, em seguida, a reconstrói trazendo à tona elementos constitutivos da própria realidade, enquanto uma unidade em movimento, que, numa primeira observação, não eram perceptíveis.

Desvendar a unidade, descobrindo-a nesse processo, é encontrar as relações e as interações que fazem da unidade uma totalidade analiticamente compreensível. “Cabe, sem dúvida, ao geógrafo propor uma visão totalizante do mundo, mas é indispensável que o faça a partir de sua própria província do saber, isto é, de um aspecto da realidade global.” (SANTOS, 2006, p. 114). Como, aliás, a realidade é o ponto de partida e o ponto de chegada, ao se fazer a proposição

através de sua própria província do saber, o geógrafo caminha por sua via científica que, coincidindo ou destoando de outras vias, pode chegar às mesmas noções que os filósofos. “É assim que, na história do conhecimento a filosofia e as ciências reencontram-se” (LEFEBVRE, 1955, p. 2). É assim também que a própria complexidade da realidade tanto explicita os limites de todas as ciências parcelares quanto instiga a busca científica por desvendá-la no intuito de compreendê-la, embora sempre de forma incompleta. A consciência sobre a incompletude do saber ante a complexidade do real, ao invés de se tornar um entrave, estimula a abertura contínua de possibilidades e oportunidades para tentar dá conta do real; o que permite também que o novo e o diferente sejam criados, exatamente no bojo das condições histórico-geográficas que herdamos e produzimos cotidianamente. A ciência se renova à medida que a sociedade muda, ainda que sigam trajetórias muitas vezes descompassadas em avanços e recuos, logo para transformação da sociedade uma ciência renovada, crítica e reflexiva é fundamental.

Nesse sentido, no intento de fundamentar e esclarecer os passos seguintes, busca-se empreender uma análise que siga pelos meandros da corrente crítica do pensamento geográfico, dialogando com autores de base teórico-metodológica marxista e neomarxista, sem necessariamente nos limitarmos a ela; pois durante o ato de escrever, outros autores podem emergir de suma importância imbuídos de diferentes bases teórico-metodológicas, inclusive de maneira crítica à corrente selecionada.

Por fim, para uma maior inteligibilidade, dividimos o trabalho em três capítulos inter-relacionados que se complementam de tal modo que permitem agregar em cada momento novos elementos à discussão.

O primeiro capítulo permeia o chão teórico no qual se pretende caminhar por todo o trabalho, qual seja, a mútua e inata imbricação entre o sujeito e a sociedade construindo-se, enquanto totalidades, por meio do espaço-tempo, o que perpassa necessariamente, no período da globalização onde a cidade e o urbano assumem uma relevância seminal, a compreensão de como o espaço urbano se concretiza em meio as (inter) ações, múltiplas escalas, mediações, materialidades e representações produzidas e vivenciadas de forma *imediata* pelo sujeito no cotidiano, sobretudo, através de suas dimensões. Assim, têm-se como objetivos *demonstrar a importância do espaço (tempo) social na mútua construção entre a*

sociedade e o sujeito; e, analisar o processo de reprodução do espaço urbano tendo em vista o papel do sujeito insurgente em meio ao cotidiano mediato e imediato. Para uma fundamentação teórica consistente, se opta pela feitura de um diálogo entre Lefebvre (1955, 1975, 1983, 2008), Morin (2002, 2005), Kosik (1976), Santos (2006) e Harvey (1993).

No capítulo seguinte, se tenta desvelar de maneira mais aprofundada como a dinâmica sócio-espacial apresentada inicialmente pode vir a ser (re) apresentada sob a primazia hegemônica capitalista, cuja matriz de origem ocidental, hoje, engloba o mundo e impregna a sociedade de relações de dominação, de exploração e de poder assimétrico, tornando, por exemplo, tanto o sujeito quanto o espaço formas alienadas e meios alienantes que se influenciam ao influenciar e serem influenciados pela própria sociedade. Esta perspectiva, aliás, aponta o caminho escolhido diante de uma questão tão ampla, que é o de *analisar, tendo a cidade do Rio de Janeiro como exemplo empírico, o papel que o espaço adquire no processo de reprodução do capital, e como a concepção de espaço criada, baseada numa ordem totalitária de poder, incide sobre o processo de alienação mental, física e social do sujeito contemporâneo.* Perfaz-se, assim, os objetivos específicos, cujos interlocutores principais são Harvey (1993, 2004, 2006), Souza (2000), Lefebvre (1977, 1983, 2004a, 2004b, 2008), Oseki (1996) e Carlos (1996, 2001, 2011).

Exatamente em meio a esse contexto social alienante/alienado é possível repensar tanto o sujeito quanto o espaço em relação recíproca, pois é através do espaço que a reprodução da vida se realiza e o sujeito cotidianamente (re) existe, seja em prol de uma outra sociedade, seja apenas no intuito de garantir a sua sobrevivência. De modo complementar, é somente através das (inter) ações, representações, reivindicações, contestações, insurgências etc. do sujeito que o espaço urbano pode *vir a ser* transformado, inclusive no sentido teórico e prático do direito à cidade. Tendo como horizonte esse projeto, um outro olhar acerca do espaço hodierno emerge enquanto uma proposta teórica e prática, visando, justamente, descortinar a simplificação (complexa) do poder do capital sobre o espaço e suas implicações sobre o sujeito e o *outro*. Se o sujeito é total, sua compreensão perpassa fundamentalmente pela apreensão de que o espaço é concreto, não se tratando apenas de um ponto de vista científico ou ideológico, mas de uma qualidade inerente a ser cuidadosamente destrinchada. Em poucas

palavras, o terceiro capítulo objetiva, *a partir da luta pelo direito à cidade, da reprodução da vida e de algumas problemáticas e experiências urbanas cariocas, analisar e repensar o sujeito e o espaço urbano – na busca por (re) existir, insurgir e propor alternativas no cotidiano alienado/alienante – no seio da própria sociedade capitalista*. Para empreender a discussão, destaca-se a contribuição de alguns autores como Hiernaux (2006), Morin (2002), Harvey (2004), Lefebvre (1955, 2004b) e Gonçalves (2006), entre outros.

Como um desdobramento do capítulo anterior, uma síntese de todo o trabalho e uma abertura a questionamentos, a consideração final é construída mediante a formulação de uma questão que tem o propósito de provocar outras: diante de toda a trajetória percorrida, quais são os desafios que se apresentam no intuito de se pensar o sujeito total insurgente em sua concretização através do espaço urbano?